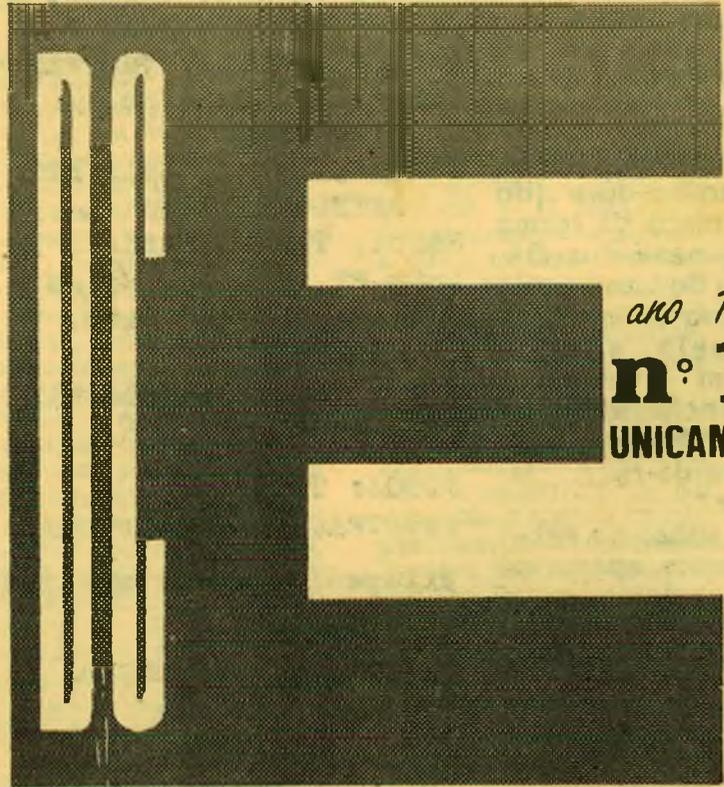


# JORNAL do

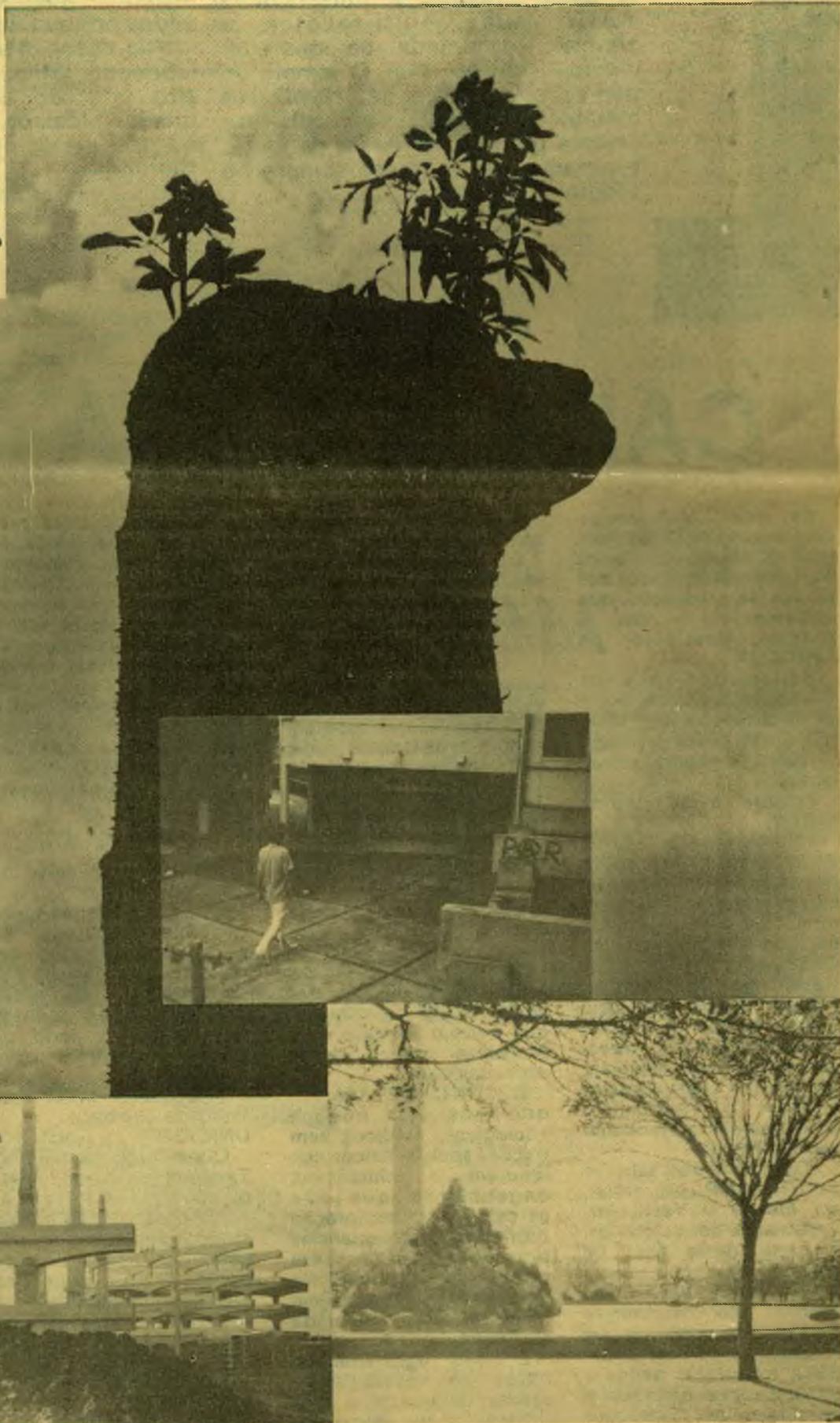
TIRE ESSA GRAVATA



ano 10  
**nº 1**  
UNICAMP

março-87

**ENSINO** muito  
**barulho**  
**por tudo**



# CALCOURADA

TIRE ESSA GRAVATA



IXO  
IXO  
**STUDANTES** **87**  
UNICAMP

NSINO  
M2INO

SHOWS, DEBATES, VIDEO, CINEMA, FESTAS, EXPOSIÇÕES E FOTOGRAFIA

09 DE MARÇO À 03 DE ABRIL

**DCE**  
**UNICAMP**

# EDITORIAL:

EXPEDIENTE

## REDAÇÃO:

Takeo, Pardal, Ubaldo, Hamilton, Narci, João Plic, Luiz PT, Mirza, Juscelino Tchezinho, Galdino.

## DIAGRAMAÇÃO:

Pardal, Takeo, Luiz PT.

## DATELOGRAFIA:

Narci, Takeo, Pardal, Lu, Luiz PT, Julião, Vilmar, Tchezinho, João Plic.

## ARTE FINAL:

Takeo, Pardal, João Plic, Luiz PT, Tchezinho.

FOTOS: Takeo

ILUSTRAÇÃO: Millor, Chico

Tiragem: 5000 exemplares

IMPRESSÃO:

EDITORA JORNALÍSTICA  
"Jornal Paulista"

Esta edição contém doze páginas (quatro centrais da A MÃE ILUSTRADA).

Campinas, 12 / 03 / 87.

Março: para calouros marca o fim da vidinha parasita-traço-inconsciente-tutelar de sempre até então, representado pela diluição forçada nesta nova realidade resultante da bedelhada de quartel (hoje devidamente travestida, não menos eficiente e dubitavelmente a par, em pares, de suas origens).

No pseudo-concatenação resultante deste choque, a universidade mostra suas multi-facetadas, a princípio despojada de qualquer paternalismo palpável. O templo do não saber de sobra, sob os olhares estrábicos reticentes da cúpula-mor reserva grandes surpresas daquelas esperadas nunca quase sempre no eterno campus circense.

Há logicamente engodos, muitos, fornecidos à la panificadora (do equivalente pão do circo da forma dos protótipos da gênese dos OS, dos ELES): bandeirão de bandeja do Conselho Universitário subsidiadamente doado goela abaixo, salitrando assim qualquer impensável melevôncia crítica de origem buco-estomacal dos meninos-cabeça-dura-de-roer, temidos por sua língua.

Não desanimar: o sabor do saber fabricado artificialmente, apesar do alto teor de conservantes tanto quanto arcaicos, tende a amenizar os canudos pré-eliminatórios do Canudo.

OBS.: ler em voz alta

## CARA A CARA

As aulas reiniciam-se este ano na UNICAMP com uma significativa mudança há 1.300 novos alunos nos cursos de graduação, que entraram via o novo, e próprio, Vestibular da UNICAMP.

Primeiro Concurso Vestibular realizado, ficam as discussões e perguntas não respondidas (e não se discutirá os exames em si, ainda).

Porque o Vestibular existe?

Para fazer-se um curso de 3º Grau, é necessário por força da lei, obter-se inicialmente alguns pré-requisitos, qual sejam; ter cursado e conseguido os Certificados de 1º e 2º Grau, ou equivalentes. Porém, como há mais alunos nestas condições do que vagas disponíveis para todos os que desejam continuar estudando, criaram o Vestibular, corretamente referenciado como o FUNIL.

Como estamos falando de UNICAMP, prá variar, ela inovou o Vestibular. Para a sorte dos veteranos, a partir deste ano, os calouros passam a ter um perfil, qual seja: são capazes de exprimir-se com clareza; organizar suas idéias; estabelecer relações; interpretar dados e fatos; elaborar hipóteses e dominam os conteúdos

das disciplinas do núcleo comum do 2º Grau.

Ou seja, sobraram vestibulandos reprovados e sobram vagas na UNICAMP.

### A APTIDÃO

Grande parcela dos vestibulandos são ainda adolescentes que esperam encontrar na Universidade, um ensino realmente universalizante. Esta expectativa é prejudicada visto que ingressamos, menos numa Universidade e mais em cursos isolados. Nossas Unidades de Ensino são escolas de especialização. Nos tornamos especialistas sem uma consciência crítica e abrangente das situações em que vivemos, que é óbvio, é muito mais complexa que a nossa especialidade.

A UNICAMP, forma químicos sem noções ecológicas; médicos sem noções sociais; físicos que ignoram o militarismo; engenheiros que não percebem a exploração capitalista; especialistas em computação sem noções do que é controle pelo Estado; teóricos em humanidades fora da realidade do país,...

E como agravante, se exige do vestibulando provas de que já é apto dentro de sua opção de

especialização. Uma pré-opção de um universo de carreiras ainda desconhecido. E mais, por causa do grande número de concorrentes e do fato de serem as mesmas provas, pode-se dizer que o Vestibular da UNICAMP é íntegro. Entretanto, pode-se dizer o mesmo de um exame de aptidão, de caráter eliminatório, que fica a cargo de um Departamento ?!

### PARA QUÊ?

Afinal, prá que serve um Vestibular?

Para preencher as vagas existentes, dado que há escassez de vagas em relação ao número de candidatos? Ou para "selecionar candidatos adequados ao perfil do aluno desejado pela UNICAMP"?

O que vem a ser esta Entidade chamada UNICAMP?

Quem responde por ela? Também os estudantes... ou não?!

Aliás, a UNICAMP é muito conhecida por suas pesquisas tecnológicas de ponta. O que pouco se divulga e não se debate, é porque determinados setores de pesquisa são beneficiados com verbas, equipamentos e pessoal, e outros setores estão abandonados. Afinal, se o

"...selecionar candidatos adequados ao perfil do aluno desejado pela UNICAMP..." (1)

"...Você construiu brilhantemente o perfil do novo aluno de nossa Universidade..." (2)

laser, por exemplo, tem utilidade em microcirurgias, por outro lado, ele é mais lembrado como arma de "Guerra nas Estrelas"; ou se os equipamentos de comunicação servem para um aluno falar com a família distante, servem também para divulgar informações parciais ou falsas, que mascaram a realidade...

Avançadas tecnologias são impressionantes e interessantes.

Esquistossomose, menor carente, mal de Chagas, desnutrição infantil, desemprego, latifúndios, poluição, malária, bolsões de promessa, moradia, fome, transporte, . . . . ., são mais impressionantes. E ao que parece, a Universidade não tem muito interesse!

### OS NÃO UNIVERSITÁRIOS

Calouro, alegre-se, você passou pelo funil. Agora, você, juntamente com os veteranos, poderá sonhar com a Pós-Graduação.

Centenas de estudantes foram aprovados, milhares ficaram de fora e milhares nem puderam tentar.

Nem calouros, nem veteranos entraram por sorte. E não é por estarmos na Universidade, que temos o direito de pensar a realidade brasileira (não só

a futura, mas a atual também) pela população.

É absurdo dar-se uma importância à Universidade de pautando-se na desvalorização dos não universitários.

## O PERFIL

I- Que sejam capazes de exprimir-se com clareza;

...no português culto (oficial e conservador)?

II- Que sejam capazes de organizar suas idéias;

...de acordo com o pré-estabelecido?

III- Que sejam capazes de estabelecer relações;

...de dominante-dominado

IV- Que demonstrem capacidade de interpretar dados e fatos;

...de acordo com a conveniência da "UNICAMP" enquanto estudante, e própria após formado?

V- Que sejam capazes de elaborar hipóteses;

...que "explicam" confundindo o interlocutor visto que é expressa em economês, medicinês, sociologuês, quimiquês, artístiquês, matemátiquês, .

VI- Que dominem os conteúdos das disciplinas do núcleo comum do 2º Grau;

...pois descobriram em algum lugar secreto?

# A MUDANÇA

Mudou o Vestibular da UNICAMP, e provavelmente os vestibulares de outras Universidades mudarão. Porém, em 1978 também houve uma "mudança" que CECEM-CECEA-MAPO-FEI para FUVEST, simultaneamente a proliferação dos "cursinhos", sendo que alguns anos antes, ocorreria uma Reforma de Ensino, com a implantação de cursos profissionalizantes nas escolas públicas de 2º Grau. Além de outras reformas (MEC-USAID, fusão do primário com o ginásio, etc.)

Consequência: o ensino público que era referencial, foi à merda. As empresas de ensino dominaram o mercado. E agora, o estudante das escolas públicas está fora do perfil do aluno "desejado pela UNICAMP".

Somos em grande maioria, profissionais de 2º Grau. Somos técnicos, auxiliares, assistentes, etc., em contabilidade, enfermagem, desenho, laboratório, processamento de dados, etc...

Fizeram a cagada, Reforma de Ensino, querem que nós limpemos, para que se implante uma nova Reforma. Isto dá-se via a punição do estudante porque o 1º e 2º Grau são horrorosos, e assim redirecionam-se os currículos destes, na hipótese de que o problema está nos currículos.

A exemplo da tradição médica nacional atacam-se os sintomas. A exemplo da tradição brasileira, as mudanças dão-se de cima para baixo.

## SUJEITOS DA AÇÃO

Este invento, o perfil, é FANTÁSTICO (O Show da Vida), é o Pós-Vestibular, o perfil serve de maneira útil (aos seus inventores) somente quando o vestibulando metamorfoseia-se em calouro.

Com tal discurso elitista, o estudante pode passar a

encarar-se como O ESCOLHIDO, esquecendo de que o escolhido, sempre o é por alguém.

Como tal pseudo-discurso místico, visa-se dar a garantia (Divina?) de que se é O MELHOR. Afinal, quem pode garantir o que é melhor para uma pessoa, senão ela própria?

Somos parte e sujeitos da história da UNICAMP, como qualquer pessoa que por aqui passa.

Mudanças! Queremos sim, e muitas. Mas não aceitamos nenhuma, pois ser comunicado ou consultado implica em não participação. A capacidade humana não se resume à escolha. Democracia não é a possibilidade de optar entre o vermelho ou o azul. As pessoas são capazes de ação, e devem exercê-la.

## CONCURSOS E CONCURSOS

O concurso Vestibular da UNICAMP foi exaustivo, notadamente os das carreiras com exames de aptidão.

Professores bolaram tal esquema de seleção, foram 11.251 candidatos examinados por docentes, para 1.380 vagas.

Professores também prestam concursos (docentes). Uma vaga - um candidato; examinados por seus pares, inclusive com provas de didática (sem alunos).

E uma vez que os dirigentes da UNICAMP afirmam que os novos calouros são tão capazes e solicitam a colaboração discente para a evolução do processo de ensino, podemos afirmar que os espaços abertos (ou não) serão devidamente ocupados.

A rainha está Nua, e o DCE vai correr o risco de realizar o Ciclo de Ensino, mas não é só isto, haverá muito suor, talvez lágrimas e se necessário, sangue. (3)

Peixes presos em aquários tornam-se briguentos. "No rio, os peixes não brigariam". (4)

# DCE/APG + ASSUC/ADUNICAMP

Uma tese conflitante, que embora muito discutida tem poucos avanços e muito desgaste, é a de como se dá a divisão do poder de influir nos rumos que a Universidade toma.

Numa análise, de modo interno à UNICAMP, pode-se constatar, por exemplo, que as pessoas diretamente ligadas à UNICAMP constituem dois grandes blocos: as que prestam serviços e por isso são remuneradas; e as que são o motivo da existência destes serviços e que deles beneficiam-se.

## O BLOCO

O primeiro bloco, tem como representante a ASSUC (Associação dos Servidores da Universidade Estadual de Campinas) na qual os trabalhadores contratados pela UNICAMP podem filiar-se, e através dela organizarem-se na defesa dos interesses próprios e da Universidade. Sendo que dentre eles trabalhadores há um subconjunto, constituída de docentes, que possuem outra associação, a ADUNICAMP (Associação dos Docentes da UNICAMP).

## O OUTRO BLOCO

O segundo bloco, tem como Entidade Representativa o DCE-UNICAMP (Diretório Central dos Estudantes da UNICAMP) órgão da UNICAMP, formada por todos os estudantes desta Universidade. O DCE tem uma estrutura que vem sendo trabalhada e ampliada, tendo como objetivo a defesa dos estudantes em seus vários aspectos, mas principalmente no que tange à autonomia estudantil e universitária, buscando a eliminação dos atos paternalistas e autoritários de que frequentemente somos objeto, devido a estrutura social brasileira, de onde advém o postulado de que os jovens devem ser moldados pois são incapazes de tomar decisões próprias acertadas e úteis.

Assim como no primeiro bloco, entre os estudantes também há um subconjunto, constituído de alguns pós-graduandos, que organizaram a ainda recente APG-UNICAMP (Associação dos Pós-Graduandos da UNICAMP).

## CORPORATIVISMO

Inútil discutir qual grupamento é mais importante, todos são essenciais.

Por outro lado, embora os dois grandes blocos sejam numericamente semelhantes (em braços e cabeças), os docentes detém atualmente um domínio exacerbado dos rumos, ou da falta de rumo, da Universidade. Pior ainda, não todos, mas somente alguns docentes, mais espertos (certo) que por acordo políticos de cúpula se mantém no troca-troca de cargos.

E para as pessoas que sentem-se incomodadas por este texto, cabe ressaltar que: os docentes são algo em torno de 2.000 numa população de 21.000; e que além de haver 11000 alunos, há a grande característica diferenciadora que é o fato de todo ano o corpo discente ter uma significativa renovação, por exaustivo concurso de ingresso.

Isto é, temos doses anuais de vacina anti-corporativismo.

# EU SONHO-TU SONHAS ELE SONHA

Algumas portas e janelas já estão abertas (5), o Prédio do Básico já está ocupado, o Caldo Cultural está novamente engrossando (qté com verbas da Reitoria e empresa privada), e apesar de tudo, há alegria nas segundas-feiras porque é quando os Tabanos podem reencontrar as pessoas que são amigas, mas que fogem do Campus nos fins de semana.

Algumas pessoas chamam de corporativismo discente, porém, de agitação estudantil, entendem os estudantes. Portanto, deixem as crianças continuarem brincando, deixem os trabalhadores voltarem a brincar, dispam-se mutuamente da couraça professoral que tudo pode - tudo ensina, reaprendem a brincar; e aí, brincaremos juntos e não mais se sonhará sozinho.

# NÓS SONHAMOS

## Citações:

(1) Manual de Informações - Vestibular Unicamp 87 Duas Palavras - Paulo R.C. Souza - Reitor (pág. 03) Portaria GR nº 250/86 (pág. 32)

(2) Informações Gerais ao Estudante 87 - Manual do Calouro

Caro Calouro - Paulo R.C. Souza - Reitor / 1ª página

(3) Texto (três partes) - 02/07/87

Fernando Gelembek - Repr. Prof. Titulares no Cons. Diretor

(4) Isto é (revista) nº 524 - 07/01/87 (pág. 04)

Paulo Vasconcellos (sobre F.F.Coppola)

(5) Sabor Saber - nº 05

O Prazer da Segunda-Feira (Editorial) - pág. 02

Rubens Alves - Editor / Assessor Relação Internacionais

E Agora UNICAMP? (pág. 09)

Enrique Ortega - Prof. FEA-UNICAMP

(6) Jornal da UNICAMP - Fev/87 - nº 06

Novo Vestibular Já Começa a Dar Frutos (pág. 05)

NO YÁZIGI  
O INGLÊS  
TEM MAIS VIDA.

Yázigi

R. Maria Monteiro, 321 - Cambuí - Tels. 519029 e 520129  
Av. Anchieta, 43 Centro Tels. 26115, 311043 e 29770

• MÉTODO FUNCIONAL  
• ABORDAGEM COMUNICATIVA  
• DURAÇÃO: 4 MESES POR ESTÁGIO  
• CURSOS BÁSICOS, INTERMEDIÁRIOS  
E AVANÇADOS, COM AULAS  
INDIVIDUAIS OU EM GRUPOS  
• VIDEO-CASSETTE  
• CINECLUBE  
• BIBLIOTECA  
• GRUPO DE TEATRO  
• ATIVIDADES CULTURAIS  
• CERTIFICADO DE CONCLUSÃO  
E PROFICIÊNCIA

descontos 20% no DCE

# vermelhões

Aqui vamos nós de novo com a questão dos transportes. Não aguentamos mais descrever as desgraças do nosso "eficientíssimo sistema de transporte". Já que vocês também estão de saco cheio (de ser sardinha e de ouvir lamentações...), chega de choro.

Até 1982, os alunos da UNICAMP utilizavam-se de ônibus fretado, tal qual os funcionários, que saíam do Teatro de Arena e Rodoviária para o Campus. Havia um estrangulamento financeiro das Universidades estaduais de São Paulo pelo Maluf, e por outro lado, a UNICAMP pagava fortunas pelos contratos com a ENSATUR, que possuía o monopólio. Detalhe: esta empresa pertence ao grupo do Nabi Abi Chedid.

Mudou o Governo (de PDS para PMDB), mudou o Reitor, mudaram os beneficiados da verba transporte da UNICAMP. Surgiu a CCTC que detinha o monopólio dos transportes coletivos de

Campinas. Naquela época, ocorreu uma transformação no sistema e a CCTC ficou com algumas linhas apenas (as melhores?), simultaneamente a linha Barão Geraldo foi engordada pois a Reitoria forçou a entrada da UNICAMP na linha, cortando o transporte fretado dos estudantes.

Ou seja, servimos de marionetes desse jogo de interesses político-econômicos.

Em novembro de 1985, inaugurou-se o Terminal Barão Geraldo e o sistema de linha tronco / linhas alimentadoras entro em operação.

A idéia em si é ótima, pois o usuário poderia utilizar-se de uma única passagem para deslocar-se a pontos distantes, por trajetos lógicos, utilizando-se de uma ou mais linhas, trocando de ônibus nos terminais. Por ser mais racional, diminui-se até mesmo os gastos das empresas de viação.

De todos fatores favoráveis, apenas um prevalece, os gastos

diminuíram, e os lucros aumentaram.

O sistema está deturpado e invibilizado, pois só a CCTC e adeptos foram beneficiados. Ônibus maiores-mais gentenos mão-de-obra, menos quilômetros rodados-menor depreciação de veículos. Toda população de Barão Geraldo e os estudantes prejudicados.

Protestos, manifestações no terminal, na Prefeitura de Campinas, audiências,...Mas a história se repete sempre, desculpas, explicações...

A Prefeitura Municipal está de comum acordo com os empresários e o sistema continua um caos. Porém um caos muito bem organizado, não para os usuários, é claro!

O Prefeito e o Secretário dos Transportes do Município já fugiram uma vez da Prefeitura (pelos fundos), visto que, representantes de Associações de Bairros, Sindicatos, Partidos e os DCE's (UNICAMP e PUCCAMP) estavam em

frente, organizando a manifestação de reivindicação da municipalização dos transportes coletivos.

O Reitor e o Prefeito do Campus, não tem feito muitas tentativas concretas, no sentido de viabilizar o sistema, limitam-se a afirmar que participarão de futuras manifestações. Mas isso não basta. Devemos continuar juntos com a população nesta luta pela municipalização e a UNICAMP, tem o dever de colocar todo o seu poder de influência, de argumentação, etc., a serviço da população a qual deve servir, e divulgar nos jornais os dados que comprovam o pouco caso dos empresários.

A UNICAMP está inserida na sociedade campineira, e como tal sofre a agonia deste corpo social. Os transportes estão um lixo e omissão também é crime.

Por fim, reafirmamos que se por um lado transportes / alimentação / moradia não são a atividade-fim da Universidade, por outro, fornecer infra-estrutura para que possa exercer a atividade fundamental dos alunos, que é estudar, não é nenhum absurdo.

Ninguém está exigindo

mordomias, visto que mordomia é característica dos governantes e não do cidadão comum (a grita geral contra a ENSATUR partiu dos estudantes), só que quem tem que suportar horas diárias nos vermelhões, somos nós, e aliás, um transporte de massa (apesar da aliteração) não pode ser maçante.



## como vai o seu C.U.?

Qualquer discursão sobre o C.U. (Conselho Universitário da Unicamp) deve começar por sua descrição. Ele é uma espécie de poder legislativo da universidade que vem substituir o atual C.D. (Conselho Diretor). Suas deformações começam pela forte presença do executivo (o reitor, o vice e os pró-reitores são membros do C.U.) e não paridade na representação dos corpos da comunidade (professores, alunos e funcionários). Só pra dar uma idéia, nós alunos somos 1/5 e os funcionários são 1/15 do total de conselheiros. Dele também participam professores (em número de 15), Diretores de Institutos e Faculdades e seis representantes da comunidade externa (Governo Estadual e Municipal, Comunidade Acadêmica Estadual e Nacional e Associações Patronais e dos Trabalhadores).

A representação estudantil é eleita conjuntamente com o DCE através de chapas, ou seja, essa representação faz parte do DCE.

Nosso poder de interferir nas decisões do C.U. não

será maior do que tem sido no C.D.. Isto quer dizer que na quase totalidade dos casos nossos votos pouco importam, pois geralmente (a palavra poderia ser sempre) os professores, diretores e representantes externos votam juntos com a reitoria, e portanto é ela

que altera normas e regimentos, cria núcleos e centros de pesquisas, aprova reclassificações de professores, concede títulos de Doutor Honoris Causa (vide box) e demais atribuições do Conselho.

Por esse quadro, muitos devem perguntar o porquê

Para quem não sabe, dentre outras atribuições do Conselho Universitário, cabe-lhe conceder de acordo com o artigo 162 do Estatuto Geral da Unicamp o Título de "Dr. Honoris Causa" à personalidade que tenham contribuído de maneira notável para o progresso da ciência, das letras e das artes, e quando tenha beneficiado de forma excepcional à Humanidade ou prestado relevantes serviços à Universidade".

Como podem ver, este título é de muita importância e respeito para quem o recebe. Pois bem, adivinhem qual foi a grande personalidade que na última sessão do Conselho Diretor recebeu o grande e tão almejado título? Não sabem? Pois eu digo: Titio Montoro. Isso mesmo, o governador do Estado de São Paulo, André Franco Montoro.

Bem...vejamos! Terá sido mera coincidência que o nosso reitor, antigo secretário do governador, tenha-o indicado



para receber o título nos seus últimos meses de mandato, ou este título seria uma coisa a mais para engordar o tão magro curriculum do futuro candidato à Presidência da República? Tudo isso deve ser mesmo é "intriga da oposição". Afinal de contas, nosso "glorioso" governador enquadra-se perfeitamente no artigo 162, pois contribuiu de maneira notável para o progresso das ciências, das letras e das artes, principalmente no seu atual mandato, que conseguiu acabar com a Unesp. Ele também beneficiou de forma excepcional a humanidade, principalmente quando foi Ministro do

de nossa presença neste órgão. A justificativa tem, a nosso ver, dois pontos principais.

O primeiro é o mais importante: acesso às informações do que está acontecendo a nível institucional na universidade. Por trás da papelada das pautas e processos existem muitas vezes mutretas, projetos que trazem grandes modificações sem qualquer consulta à comunidade e nossa presença pode, pela nossa perseverança em

fuçar nas entrelinhas, captar o significado de cada proposta.

A oportunidade de debater politicamente diversas questões com a reitoria e demais conselheiros é o segundo ponto, pois nestas discussões são esclarecidas as visões e em raros casos podem significar modificações e reestruturações de propostas.

Não temos ilusões em obter transformações na universidade através do C.U., seria o mesmo que dizer que a Constituinte que temos vai resolver nossos problemas cotidianos. Estamos, porém, decifrando aos poucos a burocracia universitária e dando aos nossos movimentos reivindicatórios mais objetividade, na medida em que conhecemos melhor os obstáculos com os quais nos defrontamos.

Essas mesmas coisas acontecem a nível setorial nas congregações das unidades (Institutos e Faculdades).

Portanto, para conhecer melhor esses órgãos, procure no seu Centro Acadêmico os representantes na Congregação. Ou então no D.C.E. os representantes no C.U.. Você vai ver que a burocracia universitária não é bicho, apesar de ter sete cabeças.

Trabalho em 1961 e criou o salário-família, no massacre de trabalhadores em Guariba, ou quando acusou pessoas inocentes no episódio de Leme, quando na verdade 20 a culpa foi de sua polícia.

E finalmente, prestou relevantes serviços à Universidade, que segundo nosso reitor, aumentou em 114% a área construída da Universidade em seu mandato, coisa que não é mais nada do que sua obrigação enquanto homem público. Afinal de contas, a Universidade deve crescer.

De tudo isso, o que é que as coisas dentro do Conselho Diretor e agora Conselho Universitário acontecem de maneira estranha, pois nesse e em muitos outros casos, apesar da nossa representação ser contra, os demais representantes na sua grande maioria fecham suas posições com a Reitoria, formando um grande bloco que aprova e delibera de acordo com seus interesses.

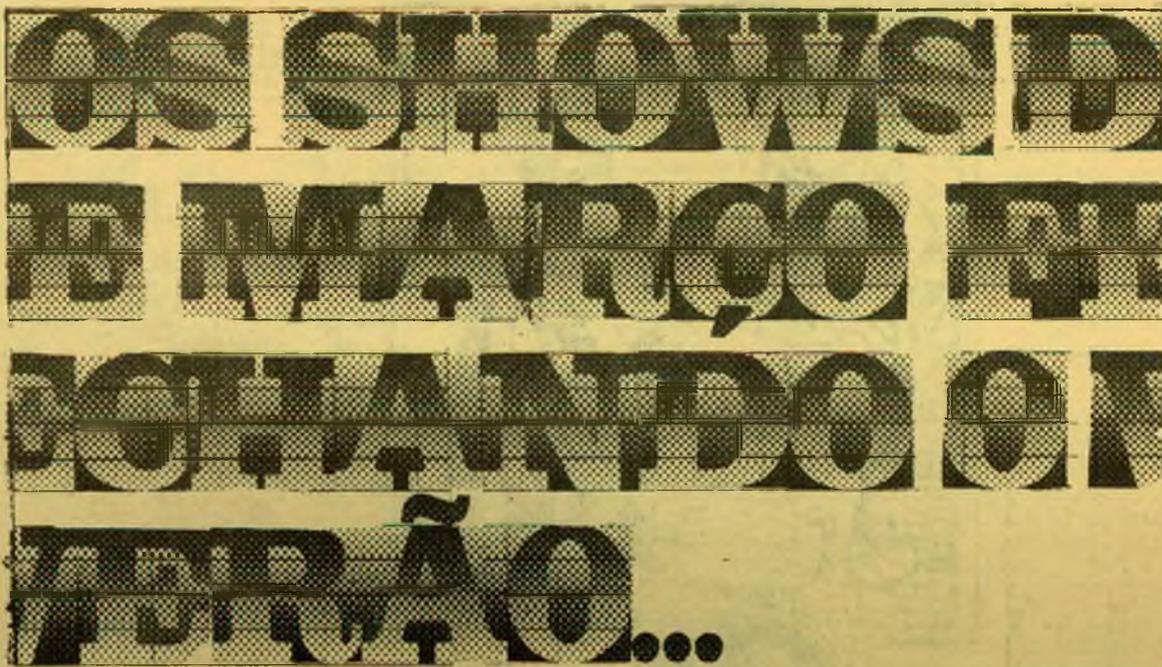
órgão informativo da  
comissão cultural  
dce unicamp

ANO II nº 1 MARÇO 87

# A Mãe

# ilustrada

Edição Especial



Dezesseis anos de carreira e João Bosco chega ao 12º LP (ai, ai, ai de mim).

A fusão de ritmos e estilos musicais é hoje uma fórmula corriqueira, porém, poucos conseguem alcançar com tais experiências um estilo híbrido realmente novo, tal como João Bosco. E é justamente aí que residem a força de encanto de sua música. Suas canções usam desde o reggae e ritmos caribenhos ao samba, passando por cordas românticas e boleros.

"Sou rei do caldeirão e minha vida, graças a Deus, é uma confusão musical".

Somem-se isso uma técnica apuradíssima e impecável no violão e uma voz bem colocada. O resultado é uma originalidade rara, com sua nova fase, Bosco mostra uma notável evolução não apenas como compositor, mas como intérprete. Com um estilo alegre e exuberante, ele deixa para trás o sambista contido, às vezes tímido, que transparecia desde o início de carreira.

Romântico, negro e noturno, sem perder o pique de malandro, este é o João Bosco que se apresenta na UNICAMP, cantando desde "O Bêbado e a Equilibrista" à novíssima "Molambo: Farrapo de Gente".

JOÃO BOSCO



## VIOLETA DE OUTONO

Casa tomada, público atento. Silêncio para que o som entre diretos para os poros e chegue até o plexo solar. Como pisando em papel de arroz, o trio entra no palco e solta os primeiros ventos. "Outra Manhã", é tocada e a platéia aplaude, assovia e silêncios - não quer que o ouvido perca nem uma nota! "Outono" é a próxima música. "Espelhos planos/saídas para a solidão". Mas o melhor mesmo é o instrumental, hipnotizando o público e levando-o a um silêncio como o de uma missa.

Como a cor violeta - última vibração de azul - a banda representa a faceta mais recente de uma onda sonora surgida há mais de dez anos. O grupo foi formado no inverno de 84, com ex-participantes do grupo ZERO. "A gente formou um grupo com a preocupação de tocar apenas o que gostamos". As influências vão desde Pink Floyd a Joy Division. O resultado é supracitado. Uma viagem psicodélica, que às vezes lança mão de uma batida mais pesada. As letras se unem à música para a criação de verdadeiras sensações, que vão de uma melancolia outonal em pleno verão, ao deslumbrante místico, ante a natureza.

O importante é que o som está agradando a gregos e troianos. E, para quem não conseguiu o tão disputado compacto do Violeta (O LP está para sair em março pela RCA), nada melhor que um show ao vivo e ao ar livre.

## PARANGA

O Paranga (Piu, Negão, Nena, Parê e Renata), tem como proposta a divulgação da música regional de São Luís de Paraitinga, onde se originou o grupo há dez anos.

As suas músicas são de composição própria, sempre sob a influência folclórica. Essa característica de música regional pode ser percebida em "Chora Viola, Canta Coração" (LP) e em um compacto duplo lançados, com um som altamente dançante e instrumental e vocal em perfeita sintonia.

Depois de apresentações em São Paulo e Rio de Janeiro, e um período de ausência dos palcos, eles se apresentaram na UNICAMP.

## PLEBE RUDE

A cidade base -QG, metrópole/província: Brasília. O cenário influência. Rudes Plebeus fazendo shows relâmpagos em esquinas (até a polícia expulsá-los) em 81. "Você é músico, não é revolucionário".

O Plebe consegue transmitir suas impressões sobre o que existe e acontece, de forma direta. Nas suas letras os erros ficam expostos, eles falam o que os outros têm medo de dizer. Não há como descartar o impacto forte e direto das canções, nem como rotular os 4 jovens músicos: os opostos se completam. O Plebe sabe dizer não, num estilo irreverente e uma linguagem própria, num som direto e pesado.

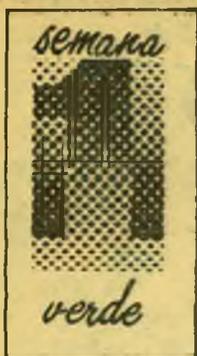
Além de seu último trabalho, o disco ("O concreto já rachou"), o Plebe apresentou um filme super 8 (melhor filme experimental no Festival de Cinema Super 8).

De onde vem a atitude essencial que define a banda? Qual a razão que torna possível essa visão tão aguçada e tão permanente alerta?

Jander, Gutje, André X, Philipe.

"Você está em cheque mate e nem sentiu".

"O concreto já rachou".



O sentimento ecológico vem crescendo e com ele vem surgindo vários grupos. O EQ Lógico faz sua primeira promoção em conjunto com o DCE - nascendo agora, e em ritmo de festa: quinta-feira no Areninha no fim de tarde.  
 Na sexta, mais uma CACH-FESTA - dispensa apresentações - com participação especial dos EXCOMUNGADOS e do AUTOPSIA.  
 E aproveite a semana verde para começar a usar os novos lixos da Unicamp, OK?

# vide video

OS FILMES DA CALOURADA SÃO PATROCINADOS PELA

Av Anchieta, 890  
Tel. 2-4775

## FESTA MEDIEVAL

13:30 - IFGW - PEÇA: Auto da Índia  
 14:00 - PROCISSÃO  
 15:00 - IEL - FESTA MÚSICA MEDIEVAL  
 JOÃO E BRIAN ACUSMA  
 17:00 - IEL - PARANGA



Fique ligado nesta semana, além da oficina de fantasia e da festa, vão rolar filmes, palestras e até uma camerata barroca.

# MEIO FIO

**FESTA SURPRESA!**  
SEGUNDA, DIA 16  
Procure o Mapa!

**CARLOS V.  
V. REITOR**

O QUE FALTA NA UNICAMP  
É UM BAR DECENTE!

## FAÇA VOCÊ MESMO

Com que roupa em vou?  
 Nos dias 16, 17, 18 o DCE vira um grande ateliê de fantasias. Afinal tem uma festa medieval no dia 19. O CALL fez um levantamento dos modelos usados na Idade Média. Agora é só aparecer e fazer, o material o DCE garante.

Você já experimentou fazer um jornal?  
 Dias 24 e 25 o DCE convida para oficina de imprensa: redação, ilustração, diagramação, edição em computador...  
 O pessoal que aparecer vai produzir o jornal inteirinho, a ser publicado em Abril com tiragem de dois mil exemplares.

## Amãe Ilustrada

REDAÇÃO: trempa do dce/carlos vogt/pessoal do teatro/renato  
 ILUSTRAÇÕES: will eisner/luis felipe deaf/paulo caruso  
 DIAGRAMAÇÃO: uvaldo marques/taeko (na hora H)  
 COLABORAÇÃO: garatuja/l&pm/arquivo edgar lolô/mirza/ccu/a reitoria (100 paus)/meio fio/sandrel  
 IMPRESSÃO: afe editora jornalística  
 ESSE JORNAL É EDITADO MENSALMENTE E RECEBE ARTIGOS ATÉ O DIA 30 DE CADA MÊS.

Duas estrelas das letras. Nelson Rodrigues, o polêmico pai do Teatro Moderno Brasileiro e Gore Vidal, o não menos polêmico autor de Juliano. Como acompanhamento filmes sobre nossa surrada América Latina, a Sinfônica de Campinas, o rock competitiíssimo do Violeta de Outono, a inauguração da Biblioteca de quadrinhos... Quer mais? Não da oficina de imprensa.



## NÉLSON RODRIGUES

Nelson Rodrigues: revolucionário ou reacinarário? Folhetinista que visava somente a venda de seus textos ou grande escritor? Provocador ou vítima?

Nascido em Pernambuco a 23 de Agosto de 1912, Nelson Rodrigues vai ao Rio de Janeiro aos cinco anos e ali vive a maior parte de sua vida. Começou a escrever teatro com o firme propósito de ganhar dinheiro. Como na época as chamadas faziam muito sucesso, sua intenção, ao iniciar a primeira peça (*A Mulher sem Pecado*, 1941) era de escrever uma chamada. Na segunda página por exemplo, conforme ele mesmo confessa, a peça já tinha ganho sabor de tragédia.

Durante toda a sua vida, Nelson Rodrigues escreveu para o jornal. Desde romance folhetins e crônicas esportivas, até as famosas crônicas iniciadas em 1951, no jornal *Última Hora*, na seção denominada "A Vida Como Ela É". Por essas crônicas, que para a época representavam um certo desabuso de linguagem e por muitas ousadias nas situações descritas e nos eventos narrados, Nelson Rodrigues foi acusado de desmoralizar a família brasileira e taxado de comunista. Em contrapartida, foi taxado de reacionário, porque assumiu com sarcasmo e deboche, contra as esquerdas do Brasil, a defesa de golpe militar de 1964. Como sempre, a contradição: comunista ou reacionário?

O certo é que revolucionário ele foi.

*Vestido de Noiva* (1943) é a peça que marca uma transformação definitiva no teatro brasileiro, pondo-o na rota da modernidade.

Muito do que foi descoberto por Freud pode ser encontrado no teatro de Nelson Rodrigues. *Vestido de Noiva* abre a série de peças que caracterizam um decidido processo de introspecção e de aprofundamento no inconsciente. A ela seguem-se, por exemplo, *Albúm de Família*, *Dorotéia*, *Senhoras de Afogados* e *Valsa nº6*.

Nelson Rodrigues é um dos autores mais encenados do teatro brasileiro e com maior número de peças adaptadas

para TV e Cinema. Mas sua trajetória foi também marcada por insucessos, malogros e repúdios, tanto de crítica, como de público. Em parte, a agitação de sua carreira se deve características intrínsecas à sua obra, e que já estavam presentes em *Vestido de Noiva*: crimes passionais, incestos, estupro, mutilações penitentes, sacrifícios odiosos, taras e sadomasoquismo.

Nelson Rodrigues tinha consciência da novidade escandalosa e inconveniente que seu teatro representa para a época. É esse teatro da inconveniência que ele mesmo batizou de "teatro desagradável".

A dimensão rodriguesiana do desagradável pode ser vista também na queda consentida, desejada de seus personagens, no apodrecimento: "Somos uma família que vai apodrecer" (*Os Sete Gatinhos*).

Esse tipo de proclamação comparece em peças como *Bonitinha mas Ordinária*, romances como *Asfalto Selvagem* e principalmente, nos contos ou crônicas de "A Vida Como Ela É".

A contrapartida desse apelo obsessivo pela degradação pode ser vista num constante quase, que, se do ponto de vista dos gêneros dificulta a sua classificação, do ponto de vista ético e estético, sempre abriga a uma abiguidade, quando não a uma polissemia de valores que tanto podem constituir a força como a fraquesa do seu teatro.

Em *Vestido de Noiva*, mas do que em nenhuma outra peça, essa estética do quase conheceu seu momento de realização mais positivo. As outras peças serão um desdobramento, mas também uma repetição obsessiva desse movimento de aproximação dos intangíveis de alma Humana.

Quase farsa, quase tragédia, é nesse campo de limites movediços que se situa a obra de autor.

É pelo quase que se passa a indentificação do brasileiro médio com seu teatro e sua obra em geral. Fomos uma promessa de riqueza ("Terra em que se plantando tudo dá"); quase fizemos a revolução na América; subdesenvolvidos, somos,

contudo, a oitava potência industrial do mundo; analfabetos sim, mas neófitos pertinazes de ideologia do consumo e amantes fiéis dos prazeres de hipermercados (*O Cruzado I* foi a última, mas certamente não a derradeira divindade desse credo); o Brasil quase deu certo. Realizamos hoje - ao menos pretendemos - o ideal de progresso e civilização das nações colonialistas (e que nos colonizaram) no século XIX: a cautela nas costas e a esperança na frente.

Na sua sinceridade esculachada, Nelson Rodrigues disse verdades que sempre soaram falsas, ou mentiras quase-verdades: pela sinceridade de um lado; pelo esculacho de outro. É como se a força de cada verdade eterna, enunciada na sua obsessão pelos arquétipos míticos, escorregasse sempre na desconfiança marota da realidade social que lhe dava vida e presentificação.

O intervalo onde se situa o exagero e a economia da obra de Nelson Rodrigues tem um nome que também constitui um atributo importante da estética do quase: melodrama.

Consciente ou não do poder de sua intuição, Nelson Rodrigues usou e abusou do melodrama: muitas vezes, simplesmente para afirmá-lo como recurso de efeito fácil e banal, do ponto de vista psicológico e estético; outras vezes, com tal parcimônia estrutural, na forma, que ficou constringido a uma função social maior: a de expor, pelo exgero melodramático, a trágica condição de bastardia histórica das sociedades subdesenvolvidas. *Vestidos de Noiva*, *Albúm de Família*, *Toda Nudez será Castigada* e outras peças, em maior ou menor grau, como *Os Sete Gatinhos* e *O Beijo no Asfalto*, dão conta desse paradoxo onde convivem o exagero verbal e o acerto dramático.

O certo é que não se pode nunca ficar indiferente ao trabalho de Nelson Rodrigues. Quando morreu, em 1980, estava consagrado pelo público e pela crítica com um dos maiores autores do teatro brasileiro moderno, afirmado e confirmado como um de seus fundadores.

## GORE VIDAL

Gore Vidal é um dos poucos romancistas que conseguem ter igual desenvoltura como ensaísta.

Nascido na década de 20 nos EUA, cedo colocou o público em polvorosa por tratar assuntos como o homossexualismo de maneira clara e fora dos padrões estereotípicos.

Autor de romances (Juliano, Kalki, Criação) e contos (Momentos de Louros Verdes) Gore nunca poupou sua língua, colocando em entrevistas muita gente famosa em situação difícil.

Uma curiosidade: o roteiro do filme Calígula era a princípio de Gore e analisava as relações de poder na Roma Antiga. Num quebra-pau com o toque especial de Gore.

Gore Vidal estará aqui na UNICAMP dia 25 em duas sessões: às 12:30 e às 14:30 no Centro de Convenções. Para quem não conhece uma ótima oportunidade. Para quem o conhece e obviamente já é fã - é chance única de um papo com um dos maiores escritores contemporâneos ainda vivo.



# AL

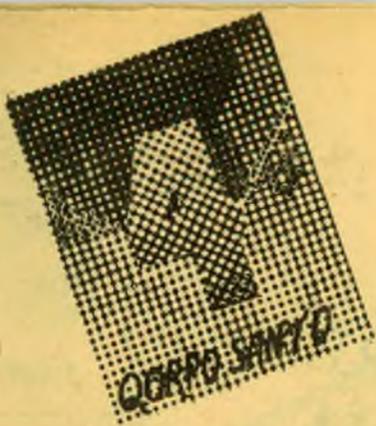
CHILE, PARAGUAY, NICARÁGUA, EL SALVADOR...

CAMPINAS, BRASIL. Identidade e/ ou diferença? Prá se conferir: CB-07, 24, 25 e 27 de Março.

Muito filme (documentários inéditos) e outras informações.

D.C.E. e comitê de solidariedade aos Povos da América Latina em contato imediato. 87 promete mais. Chile, Paraguay, El Salvador...

O que sabemos?



“Abra o zíper você também... Mostre que ali se esconde seu mais delicioso objeto de prazer: a boca (Freud explica).”

Abrir o zíper significa, antes de mais nada, um ato de carinho, embora, sob certas circunstâncias, simbolize atos de protestos; mas de qualquer forma... Abra o zíper.

Imagine um mundo onde as pessoas estejam todas com os zíperes abertos, escancarados, mostrando tudo aquilo que durante muito tempo foi objeto de mais variadas formas de repressão.

Nós abriremos os zíperes sempre que necessário e mostraremos nossas... bocas vermelhas de onde sairão sons coloridos que irão, sobretudo, alegrar a quem quer que esteja nos ouvindo”.

Pessoal acho que é por aí. (Quem disse que terminou a campanha eleitoral) Bem, acho que esse nome por si só já diz bastante coisa. Ele nos permite que criemos desde de camisetas “mais transadas” até uma “coreografia” de apresentação do grupo. Percebam que o nome da Universidade não foi esquecido e, da maneira como está, “creio” que não dá margens para ambiguidades; por isso... Abra o zíper, pô.

O coral zíper na boca (ex-UNICAMP) faz parte da comissão cultural do DCE-UNICAMP e vai se apresentar na mostra do dia 03 de Abril juntamente com outros corais da cidade.

## ZÍPER NA BOCA



## PRESTES

Discursando a mais de uma hora, defendendo uma reforma agrária radical, um constituinte lhe aborta “Você está perdendo tempo. Aqui somos todos filhos ou genros de fazendeiros”. Decepcionante, assim Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, caracterizou sua tentativa de colorir a constituição de 1946 com tonalidades mais progressistas. Encabeçando a chapa do Partido Comunista Brasileiro, detentor de 10% dos 600 mil votos, Prestes lembra que a constituinte de 46 foi precedida de grandes manifestações, ao contrário da atual. No entanto, nos trabalhos constitucionais “os comunistas não tinham a quem apelar”, sendo a composição popular muito precária.

Participante ativo, senão o principal sujeito dos movimentos sociais que marcaram o Brasil neste século, sua passagem pela constituinte de 46 é mais uma de suas ricas experiências. Hoje, aos 89 anos, dormindo quatro horas diárias, Prestes

continua atento aos acontecimentos do País. Chamado de oportunista a atual posição do P.C.B., do qual foi secretário geral quase 40 anos, acreditando na formação de um Partido Comunista de massas, posiconando-se firmemente ao lado da CUT, quando esta recusa-se a discutir o “pacto social” convocado pela Nova República, apoiando a candidatura de Florestan Fernandes (deputado contituente eleito pelo Partido dos Trabalhadores), Prestes tem sua vida dedicada à libertação das classes oprimidas.

Realmente, sua vinda à UNICAMP será um grande evento para comunidade campineira. Injetando forças naqueles que lutam por uma sociedade mais justa, realmente democrática, enfim, renovando o ânimo daqueles que sonham e buscam o socialismo. Lembrado que 31 de Março, dia em que estará presente no ciclo básico às 12:30, além de sugestivo, é uma data marcante da contra-revolução operária deste país.

## QORPO SANTO

Existem ou existiram gênios? Acho que não...

Acho que sim. E até formalmente, quando a demência mais a genialidade são derivações da normalidade. Mas isso quando é observado pela referência ditada pela linha horizontal, que é a média. A médio/cridade.

Uma negação do que é ser aquilo que o homem representa ser, significa escapar do parâmetro. Estar fora do eixo. Não pender ou tender para qualquer direção ou sentido conhecíveis. Mesmo porque a realidade deixa de ser aquela para ser outra. Deliciosamente outra. Qualquer.

É possível que só ‘PIRE’ quem quer. Quem não quer controla. Até um momento qualquer, e seu. E tem também umas ‘PIRAÇÕES’ instantâneas. Inseguráveis. Irreversíveis. Irreparáveis. A morte? Que (medo(?)) sentimento louco. Enlonquecedor? Mas e quando o que

se quer é ser aceito? Então acho que o negócio é aceitar. E isso se torna uma consequência tranquila e inevitável. Só que a imagem que se passa é outra. É antes e talvez a negação do objetivo?

O tempo, o ritmo, a atmosfera é outra. O que se diz não é possível. Não corresponde aos homens da época... A qual corresponderá? ...É incrível que essa mensagem deu-se por causa daquela imagem. A comunicação não se dá. O canal de ligação foi obstruído? Explodiu? Mas o que é isso? E loucura? É o ‘PATHOS’?

O que é a gente ser, nós próprios, o protótipo de alguma coisa? O que significa ser o que se chama ‘IDEIA’? Qorpo Santo é, em si, ele contém, uma forma de vida, de teatro - ele é o seu teatro e o revés é correto -, de homem, de ser. E é por isso que não dá pra levantar bandeira dos outros. Mesmo que racional ou loucamente (?) se deseje levantá-la, isso não se dá. Não é essa a sua óptica. Não é assim a

sua digestão.

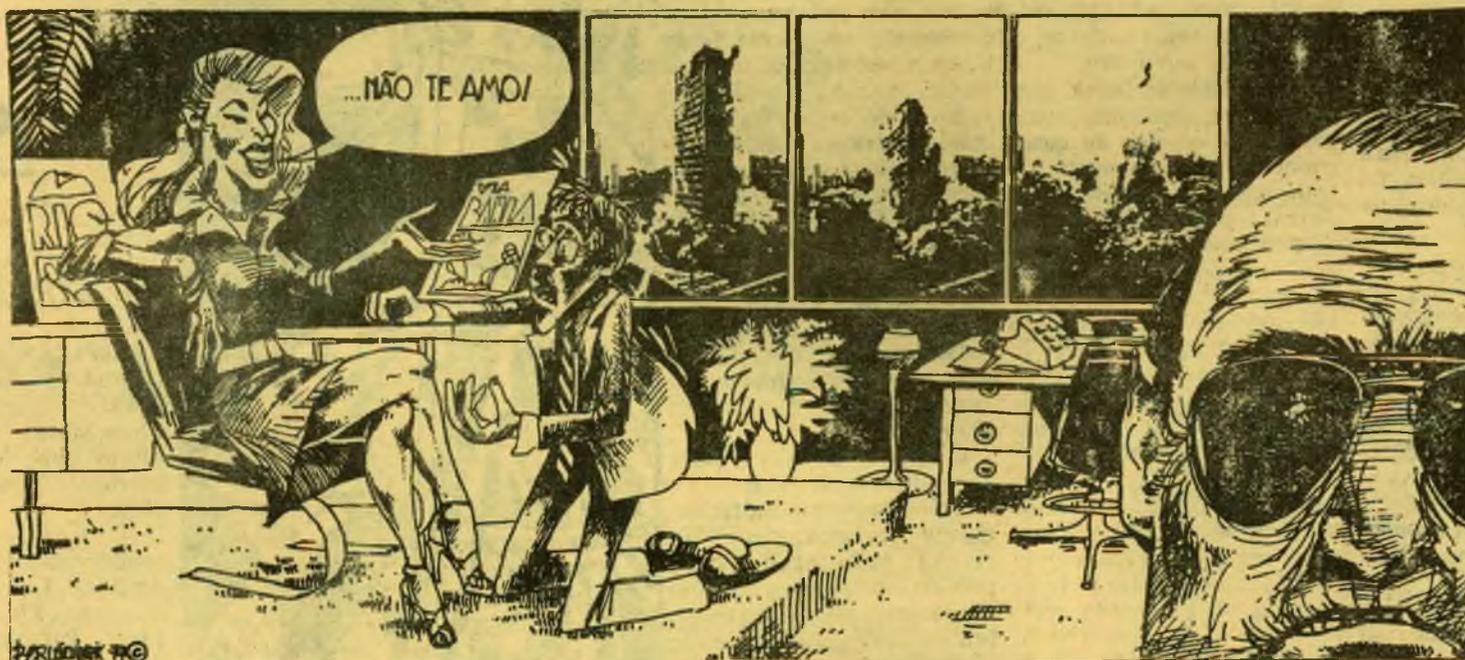
“Do mesmo modo que para ver um objeto a certa distância, os músculos da vista têm que dar ao globo ocular o que se chama ‘acomodação’, nossa mente tem, que saber acomodar-se para que consigamos ‘ver’ esse mundo imaginário do teatro que é um mundo virtual - que é irrealidade e fantasmagoria.” Acho que é assim que as pessoas deveriam observar Qorpos Santos, Shakespeares, Ionescos e tantos outros que não vasaram a nós.

Qorpo Santo está aí, a mão. Super exposto. Sua obra é ele mesmo - em versos, verbetes e teatro. E além dele se nos revelar, revelar aquilo que é irrevelável - a nossa cumplicidade com nós mesmos ante a nossa mais profunda intimidade, o nosso segredo pessoal. “Será neurose? Acho que é poesia.” - ele se coloca à disposição de quaisquer transformações, alterações - o ALTER do homem, o homem mutante - sem quem o realizar acha por bem o fazer.

Qorpo Santo é assim, a forma em ruínas, o absurdo provável, dialética absolutamente metafísica. Ele é todos os modos de ser da realidade. “Mas quem sabe o que é realmente a realidade?” Qual é a questão?

É assim: construção, destruição. Se não a coisa toda tem um fim. E a gente deixaria de ser em trânsito pra não mais ser. E a angústia se tornaria tanta e tamanha que toda a gente se perderia. KAOS. Caótico. “Camaraótica”. Mas a questão também não é o fim. E o ciclo? Numa época de devoração dos tempos. Dos instantes. Do minimalismo, do cubismo e expressionismo. Do absurdo, do Dark, do pó. Pós. Além. Depois. AGORA. Um dia entre os dias. Num instante desses tantos instantes. E assim que nós “tamos”.

E é por esse momento, que é possível observar com mais ‘acomodação’ aos nossos olhos, esse fenômeno que foi/é Qorpo Santo. E mais do que acomodada, apaixonadamente.

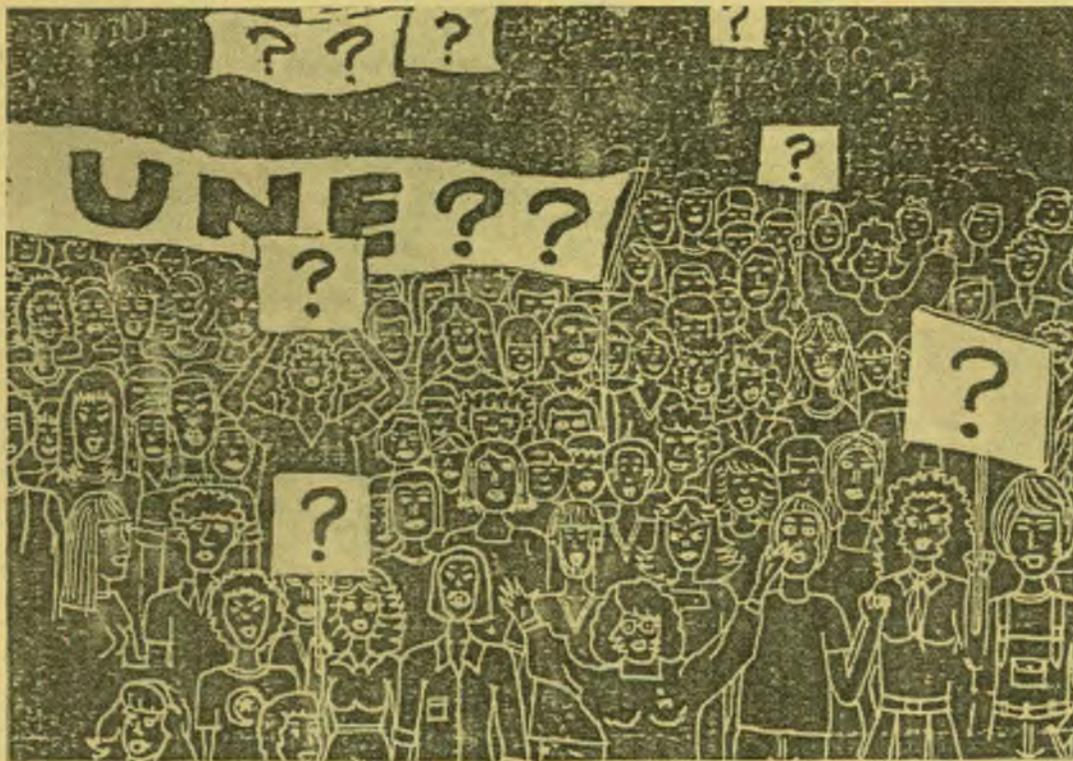


# DESCAMINHOS DO M. E.

Em agosto deste ano a União Nacional dos Estudantes completará 50 anos. Meio século presente na história deste país, refletindo em suas ações as transformações sócio-econômicas do Brasil. De 1937 até aqui muita coisa aconteceu e a UNE sempre posicionou-se criticamente frente à realidade nacional. Partindo do quadro educacional, os estudantes analisam a questão a chegar à raiz do problema. E neste momento surge a necessidade da UNE, uma entidade que representará as posições políticas dos estudantes diante dos grandes temas.

Logo, sendo forte e representativa, uma parcela significativa da sociedade brasileira adotará as suas posições como referencial político. Com a derrota do fascismo na 2ª Guerra Mundial, a UNE exigia a democratização do Estado brasileiro, na campanha "O petróleo é nosso", posiciona-se contra as forças imperialistas e durante a ditadura de 64 é esmagada, justamente por representar um importante foco de resistência ao regime.

Voltando os olhos para o passado, a saudade bate forte e a vontade de reviver é ainda maior. Mas o perfil do estudante universitário mudou muito, de 150 mil em 1968, passamos para 1.500 e a maioria destes estuda em escolas particulares. O ensino sofreu uma elitização incrível e o universo cultural em que se



insere a classe média, alterou-se substancialmente. Hábitos e comportamentos desta faixa, que se mostra presente massivamente nas escolas superiores, passaram de uma ativa participação sob a ditadura para uma "globalização inócua", definindo-se como globalização não a visão do conjunto, mas o "plim-plim" do comercial diário da nossa grande rede de comunicação. A geração saúde está aí para quem quiser ver e sem nenhum sentimento de culpa. No seu cotidiano a universidade aparece como uma mera

sala de aula, onde terá muito desprazer, preço que paga por adquirir um diploma. Dois ou três anos atrás, um DCE paulista convocava os estudantes para discutir num congresso a linha política da entidade. Resultado: dia de sol e piscina lotada no Campus. E assim caminhava o Movimento Estudantil, banhando-se nas tardes ensolaradas...

Diante deste quadro, devemos desistir de tudo e pular n'água? Nem desistir, nem deixar de pular na piscina. Pois se a política não se apresenta atrativamente para o estudante,

não significa que esta não interesse ao mesmo. No seu dia a dia os conflitos políticos continuam apresentando-se vivos, capazes de incomodá-lo e muito, constatando-se os problemas da universidade brasileira. O problema fundamental está na forma como as ações políticas se estabelecem. O trio reunião/assembleia/passeata, apesar de ter importante papel, não atrai o principal interessado.

Faz-se necessário uma longa reflexão sobre as formas de mobilização, objetivando os reais anseios do estudante

universitário. Sejam estes tendenciosos à esquerda ou à direita. E neste ponto se vislumbrará o fim ou o renascimento de uma rica cultura socialista, que nos anos 60/70, apontava no meio estudantil os caminhos a seguir pela sociedade.

No entanto se não temos fórmula pronta para seguirmos, possuímos exemplos gritantes de como o Movimento Estudantil não vai ser reerguido. No 37º congresso da UNE, realizado ano passado em Goiânia, a atual diretoria optou pela via indireta para sucedê-la. Vencida sua proposta e havendo o pleito direto, a Chapa UNE-LIVRE comporta-se de acordo com seu estilo costumeiro, desconhece por completo a vontade dos estudantes, tornando a entidade correia de transmissão para os designios do Partido Comunista do Brasil e fraudas as eleições. Isto mesmo, fraudas as eleições! E de quem não tem o mínimo respeito por um patrimônio histórico construído durante 50 anos de muita luta, não podia-se esperar nada além da declaração de que as eleições eram normais. Mesmo com a retirada das outras 4 chapas concorrentes. Por este motivo o DCE UNICAMP não reconhece tais indivíduos que ocupam ilegítimamente a União Nacional dos Estudantes, sendo este um dos primeiros passos para retomar a sua representatividade.

## SEMINÁRIO DE MOVIMENTO ESTUDANTIL

Desde junho de 1984, o D.C.E Unicamp vem desenvolvendo conjuntamente como Arquivo Edgar Leuenroth (Ciências Humanas/Unicamp), um projeto de recuperação da memória estudantil no Brasil. São quase três anos de coleta de documentação, de produção de registros, de organização, de discussões e pesquisas.

Agora é a vez deste trabalho começar a ser mostrado, através de discussões do Seminário O MOVIMENTO ESTUDANTIL NO BRASIL. Serão 4 sessões em busca de novas formas de pensar o M.E., ao longo dos anos 60, 70 e 80, nas suas semelhanças e diferenças, na sua continuidade e desvios.

**Dia 16 de março: FORMAS DE PENSAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL**

Com a presença do Prof. Marco Aurélio Garcia (Historiador e Diretor do arquivo Edgar Leuenroth), de Arthur Ribeiro (cientista social e autor de importante análise sobre o M.E.) e Mirza Vasconcelos (pesquisadora do Movimento Estudantil e Coordenadora do Projeto D.C.E./Edgar Leuenroth).

Essa sessão tenta ser introdutória ao Seminário e às discussões recentes sobre o M.E., além de possibilitar maior contato com a pesquisa sobre o movimento: suas novas temáticas e metodologias.

**Dia 23 de março: A "GRANDE" POLÍTICA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL: 1968**

Com a presença do prof. Alcir Lenharo (História/Unicamp) e do prof. João Roberto Martins Filho (pesquisador com tese de Mestrado sobre o M.E.).

Nesta sessão, a tentativa de recuperar o M.E. nos anos 60, em suas características e movimentos, além da relação deste com os movimentos culturais da época.

**Dia 30 de março: AS TRANSFORMAÇÕES E DESVIO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL: A DÉCADA DE 1970**

Com a presença de Geraldo Siqueira (dep. Estadual/PT e ex-liderança do M.E.), "Batata" (prof. e ex-militante estudantil), "Kaloy" (ator ex-liderança estudantil) e Mirza Vasconcelos (pesquisadora do M.E. e Coordenadora do Projeto D.C.E./Arquivo).

A tentativa é de recuperar uma década de muitas reconstruções e desvios no M.E., e que se encontra ainda sem estudos. Neste período, se gestam transformações fundamentais para se compreender o M.E. atual.

**Dia 6 de abril: O MOVIMENTO ESTUDANTIL CONTEMPORÂNEO COM A PRESENÇA DE Fernando Rosseti (D.C.E. Unicamp 1985 - 86), Edu**

(PUC - SP), Flávio D. Patrício (Ex-Secretário da UNE) e Nilson Couto (C.R.U.S.P.).

Debate entre diversas correntes de pensamento do M.E. atual, em seus conflitos e vivências.

**SEMPRE BÁSICO - CB5 - às 12h30min COM APRESENTAÇÃO DE VÍDEOS E FILME (DURANTE AS SESSÕES):**

**Dia 16 de março: O VI CONGRESSO DA UEE-SP (Limecc e Arquivo Edgar Leuenroth)**

**Dia 30 de março: O APITO DA PANELA DE PRESSÃO (filme 16mms sobre o M.E. em 1977)**

**Dia 06 de abril: VÍDEO SOBRE O CRUSP (Premiado no Vídeo Brasil)**

# UnlweRzyDÄdgi dÜis sônho...

## ... em estado dhi kcqómma .

Ultimamente parece que o saber/sabor (acho que já ouvi este nome em algum lugar) anda um tanto amargo. Não há muito desejo de se abocanhar esta Universidade que parece estar em letargia profunda. O banquete preparado para o saber está mais para cenas de assassinato do que para festas palacianas. Entretanto parece haver um equívoco: os livros de receita oficiais dizem que a comida é boa: "É inquestionável que, após vinte anos de existência, a UNICAMP se constitui hoje uma das mais expressivas universidades de todo o país".

Mas antes de provarmos do discurso acima, vamos estudar um pouco a situação atual, para não morrermos intoxicados.

As vezes começamos a sonhar, as imagens vão se sucedendo e nós ficamos cheios de expectativas: a sensação de novo, do diferente, fora de rotina. É assim que adentramos a Universidade. Porém, de repente, as imagens que tínhamos começam a ficar distorcidas e nos desiludimos. É um pouco disso o sentimento das pessoas que se decepcionam com a UNiversidade. Esta, que antes era um espaço cultural e criativo, neste pesadelo torna-se um loca! para ser suportado enquanto o diploma não chega.

Se há um consenso unânime de que a função básica da universidade é produzir e difundir conhecimentos, também há uma aceitação geral de que nela se pode entrar em contato sistemático com a cultura universal. O aspecto cultural é de suma importância nesse universo de extrema especialização. Não há nada negativo em se conhecer profundamente determinado campo, porém não podemos perder a visão global.

Antigamente, uma pessoa para ser considerada culta tinha que ter uma ampla visão do universo em que vivia. E podemos notar que numa época tão criativa como a do Renascimento (dois séculos de extrema produção) todas as pessoas que se destacaram eram possuidoras de uma ampla cultura universal!

Um que acontece em nossas universidades? A *profissionalização* que se abateu sobre os cursos acabou levando a uma formação extremamente específica, com currículos rígidos visando uma formação profissional única, com muito pouca flexibilidade. Além disso um ensino preocupado quase que exclusivamente em outorgar diplomas legais para o exercício de profissões.

A total inabilidade da universidade em trabalhar com esta questão se reflete um tanto no conteúdo dos cursos, que são muito mais treinamento do que de ensino (e o treinamento trucidada a criatividade), e o incentivo cada vez mais pautado na especialização. Ocorre que as pessoas passam a se preocupar essencialmente com as coisas que, por definição, estão dentro do rol elencado para sua profissão, e ninguém discute o resto. A universidade deixou de ser um fórum de debates. A discussão sempre tão presente na vida universitária, hoje encontra sua cadeira vazia.

Um dos problemas é que este tipo de ensino acaba gerando uma total falta de integração entre as áreas, onde o termo universidade acaba se aplicando não à verdadeira integração intelectual e cultural ente os vários cursos, mas sim ao conglomerado de faculdades e institutos unidos administrativamente.

Outra questão é que a extrema profissionalização acaba hipertrofiando os alunos. Há grande preocupação com as áreas específicas, com a formação vertical. Ora, todos sabemos que o mito da neutralidade científica está velho e desgastado. Hoje se faz necessária a participação de todos nas discussões dos temas que assolam a sociedade e na discussão global de uma política para o ensino, a pesquisa e a extensão. O cientista não pode dar as costas a uma sociedade em profundo conflito para cuidar de seus trabalhos. Nesse sentido é como se estivéssemos gestando pessoas com grande visão ou ouvidos hipersensíveis, sem no entanto se preocupar com o desenvolvimento dos outros sentidos. Desta forma se alguém nos perguntasse se o ensino superior vai bem, poderíamos responder que a produção de monstros está ótima.

A própria origem da UNICAMP justifica um tanto o quadro atual do ensino de graduação. Pensada inicialmente como um centro de excelência em pesquisa, até cogitou-se que a UNICAMP seria melhor sem alunos. O projeto original marcado fortemente por uma vocação científica-tecnológica com grande ênfase para a eficiência técnica e profissional explica em grande parte a atual política de ensino e pesquisa. Isto reflete um tanto nesse jeito de "quintal de multinacional".

A própria idéia de Campus também é horrível, separar a Universidade da cidade. A universidade se torna um grande colégio onde se vai de manhã para se assistir aula e se volta no final da tarde. Sem falar que a permanência nela se faz através de uma atividade extremamente passiva: assistir aula! E a ironia maior: ninguém se sente dentro da universidade, mas sim de sua faculdade ou instituto.

### Muito cimento... E pouco espaço

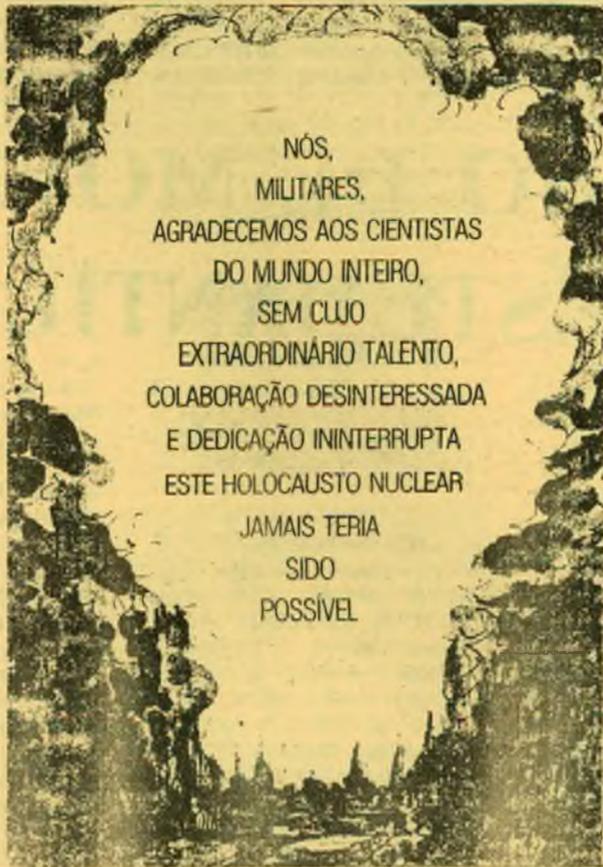
E a coisa não para por aí. Além da universidade não ter um clima de discussão, também não tem espaço físico adequado para isto. Nos horários livres, onde se pode ficar a não ser amontoados nas cantinas ou "pendurados" nas escadarias do básico? Sem levar em conta que importantes atividades do curso, como trabalhos e relatórios, são realizados nestes lugares.

### Acervo Deficiente

Outro problema sério está relacionado com as Bibliotecas Setoriais. Os alunos que necessitam permanecer grandes períodos nestes locais vêm sua própria produção e qualidade de aprendizado totalmente ameaçadas devido a falta infra-estrutura desses prédios. Além do espaço físico, nossas bibliotecas necessitam urgentemente de ampliação do acervo. E a insuficiência se complica ainda mais com o reduzido número de exemplares de livros considerados essenciais, e com a famigerada lista de espera para os que desejam o mesmo material.

### Básico Intermitente

Um estudo de ensino feito pela Câmara Curricular demonstrou que a carga horária real dos cursos (segundo as Unidades de Ensino) é o dobro do número de horas de aula. Pra um curso normal de 3000 horas de aula, com



sugestão de cumprimento de currículo pleno 8 semestres, o aluno deverá dispor de 10 horas por dia das atividades escolares, no mínimo. Isto se reflete claramente na filosofia do aprendizado, onde o fim último do estudo passa a ser a aprovação. E explica também as cantinas cheias no início do semestre e o brusco desaparecimento dos alunos com proximidade dos exames ao término do semestre.

### Carreira do(Cente)

Há uma relação não muito clara entre ensinar e educar, assim como entre professor e educador. Talvez seja um pseudo-problema, mas uma questão relevante, sem dúvida, é a institucionalização da profissão de professor. Através dela a docência deixou de ser uma coisa que se define por dentro e passou a ser muito mais uma obrigação para a instituição em que se trabalha. A relação entre professor e aluno passou a ser muito mais uma relação entre especialista/cliente, funcionário da instituição/comprador de créditos, do que um diálogo entre amigos. E o problema se agrava ainda mais quando pensamos na carreira de professor.

Em geral todas as universidades admitem uma carreira universitária que, apesar de uma ou outra alteração, seguem o seguinte padrão, em ordem crescente de qualificação: auxiliar de ensino, assistente mestre, assistente doutor, adjunto (associado) e titular. A cada grau da carreira corresponde um salário que cresce em relação à maior qualificação. O problema é que ascensão na carreira só se dá através da pesquisa, não havendo nenhuma valorização para a docência. Não há nenhuma promoção por mérito em ensino. Além disso o salário de um titular é substancialmente maior (e isto quer dizer muito maior mesmo) que o salário de um auxiliar de ensino. Isto incentiva o docente a chegar rapidamente ao topo da carreira.

Outra questão é a produção de livros-texto, que além de diminuir a dependência cultural em relação às obras editadas no exterior, poderiam facilitar em muito o aprendizado. Como essa atividade requer um grande tempo e dedicação do docente, e sendo tão desvalorizada a nível de sua carreira, o docente raramente se envolve em tal projeto.

A experiência diária nas salas de aula demonstra que ao lado de alguns professores minoritários, sempre disponíveis, criativos, que estão sempre pesquisando e renovando seus cursos, existe uma maioria apática e burocratizada que centram suas academias na subida dos degraus da carreira ou nas disputas internas de poder.

### Ensino: Muito barulho por Nada?

É o fato que após adentrarem a universidade tanto alunos quanto professores acabam perdendo, em período curto de tempo, a motivação e o entusiasmo. Em pouco tempo este "templo ao saber" acaba cheirando casa mal assombrada. Isto gera um pacto hipócrita entre os professores e os alunos: "uns não querem ensinar, outros não querem aprender"; ou seja, uma relação bem comercial: eu não reclamo que sua aula é um lixo e você facilita a minha aprovação. Isto, tudo se reflete claramente no medíocre ensino dedicado à graduação e também no ambiente cultural do campus. A universidade acaba parecendo um colégio, cuja função, ao invés de ensino, se torna a ministração de aulas. No tocante à cultura há uma total estagnação, não havendo quase nenhum grupo produzindo alguma coisa. Os debates são escassos e a interdisciplinaridade mais parece uma utopia.

Porém não podemos entrar nesse ciclo vicioso e nem compactuar com a mediocridade reinante. Já está na hora de virar este campus no avesso e recobrar o entusiasmo perdido. O ensino não pode ficar assim! Está na hora de agitar estas questões, discutir estes problemas, antes que o "templo" se encontre em ruínas. Para voltar a sonhar - pelo menos um pouco - e tirar a universidade do coma em que se encontra - pelo menos ver se ela responde a alguns estímulos - e que o DCE lança sua proposta:

**ENSINO** muito barulho por tudo

# REFORMA E SEUS ESCOMBROS

A universidade brasileira, a partir de 1964, passou a servir a um modelo de desenvolvimento que favorecia ao capital privado, subjugado a interesses externos (externos mesmos!). "A lei 5.540 da Reforma Universitária é um dos principais componentes dessa estratégia. A sua formulação contou com a participação direta do Departamento de Estado Norte-Americano, concretizada com a assinatura de vários acordos entre Ministério da Educação e Cultura e a Agência Norte

Americana para Desenvolvimento Internacional (USAID)".

Esta reforma priorizava uma política educacional de transformação das universidades públicas em fundações. Nessa forma jurídica de instituição o capital privado entrava com no mínimo 1/3 de participação.

Também fortaleceu sobremaneira o desenvolvimento de Instituições de Ensino Superior privadas. Na época (68) a proporção entre alunos matriculados em escolas

públicas e privadas era de 2/3 para 1/3.

Depois de implantada a Reforma Universitária, o governo anunciou demagogicamente ter democratizado o ensino superior.

Realmente o número de vagas aumentou consideravelmente. De 142.300 universitários em 1964 passamos para cerca de 1.500.000 em 83. O problema é que esse aumento se realizou fundamentalmente com a expansão de rede particular de

ensino. Hoje 77% dos universitários e encontram na rede particular, ou seja, inverteu-se a proporção acima citada.

Se isso não bastasse, o Conselho Federal de Educação permitiu a criação de faculdades isoladas e de fim de semana. Esse tipo de faculdade é pior que erva cidreira - só dá em beira de estrada e fundo de quintal. Essas medidas inflaram a rede privada. Hoje o número de instituições

privadas representa 92.5% das instituições superiores.

Outra vez estamos na iminência de uma nova Reforma Universitária. O MEC nomeou uma comissão de alto nível encarregada de apresentar uma proposta de reforma de instituições de ensino superior. Várias outras entidades também já se manifestaram: CRUB (reitores), ANDES (professores), FASUBRA (funcionários), e também vários intelectuais. E nós?

Qual a atitude que devemos tomar em relação à "Constituinte" que está aí? Devemos esperar alguma mudança efetiva no país? Na medida em que o Brasil se enreda mais e mais nos problemas da crise econômica e o governo Sarney tem se mostrado com um governo incapaz de resolvê-la, e pouco mudado na sua prática de governar (leia-se uso e abuso do decreto-lei) em relação à ditadura; e na medida que nesse ano tende a haver uma ampliação das mobilizações sindicais e populares, com o retorno da inflação e da erosão do poder aquisitivo da população, a resposta à pergunta acima, do ponto de vista dos que participam ou participarão dessas mobilizações, tem consequências bastante sérias.

Teoricamente a nossa "Constituinte" deve redigir a Constituição de uma nova ordem mais democrática e mais justa que a que dominou depois do golpe de 64. A posição "oficial" do governo Sarney, secundado pelos nossos eficientíssimos meios "globais" de comunicação é mais ou menos nesse tom. Logicamente frizando muito bem que o povo já fez a sua parte - votou - e que o resto cabe à "Constituinte". Agora o negócio é se manter informado, acompanhar esperançosamente os rádios, a tela da TV, as páginas de revistas e jornais.

A par dessa edificante postura oficial, vemos por parte do presidente Sarney e

de seu governo a preocupação real de que o Congresso Constituinte bote as asinhas de fora e lhe pise o calcanhar de aquiles: a duração do mandato presidencial.

Essa questão é a mais séria que a "Constituinte" enfrenta e a sua solução é o indicador mais claro de quais os seus limites de ação. Na definição da duração do mandato Sarney repousa muito mais interesses do que a simples ambição pessoal de nosso querido presidente-poeta. Não se pode esquecer que Sarney chegou à presidência num processo duplamente questionável, deixando-lhe com legitimidade capenga. É produto da "eleição" indireta no colégio eleitoral da ditadura militar, "eleição" sustentada pelo PMDB às custas do abandono da luta pelas diretas-já, via conchavão com a "Velha República". E é suproduto de um descomunal acidente de percurso: a morte de Tancredo. No entanto, exatamente por essa sua origem, o governo Sarney é depositário de compromissos essenciais com o passado:

todo aparato repressivo da ditadura continua intato, nenhum torturador foi punido, o SNI continua, a legislação da ditadura ainda continua válida, as forças armadas fazem ainda parte do núcleo de decisão governamental; a política econômica e financeira do governo é decidida nos gabinetes palacianos e implementada via decretos-lei, etc., etc.

As grandes iniciativas governamentais que o governo apresentou como o Plano de Reforma Agrária, o plano Cruzado, a tentativa de pacto social, não foram mais do que grandes campanhas de marketing; enquanto que o projeto "Calha-Norte", esse sim um grande ato de mudança - para pior, ameaçando de genocídio os índios Ianomani - é discretamente aplicado pelo governo a pedido das Forças Armadas.

A atitude do governo em relação à convocação da Constituinte reafirma o que dissemos acima e demonstra como Sarney pretende que a Constituinte seja uma menininha bem comportada: a convocação da Constituinte só se deu em novembro de 85, depois de assentada a poeira da transição da ditadura para a Nova República; a rigor não foi convocada uma Constituinte, mas foi atribuído ao Congresso Nacional poderes Constituintes, com a desproporcionalidade na representação dos Estados na Câmara dos Deputados, herdada da ditadura (onde os Estados economicamente mais desenvolvidos têm várias dezenas de deputados a menos do que teriam se fosse assegurada a proporcionalidade); com a participação dos senadores eleitos em 82;

além disso as eleições dos "constituintes" ocorrem juntamente com as eleições para governadores, com o objetivo - aliás alcançado - de esvaziar o seu caráter de grande debate das questões nacionais, o que politizaria bastante a eleição e possibilitaria um compromisso maior dos "representantes do povo" com o povo. Enfim com uma série de artifícios visando impedir uma independência política em relação ao governo.

Não bastasse isso, tivemos ainda uma legislação eleitoral antidemocrática - na verdade um trator eleitoral sobre os pequenos partidos, praticamente deixando-os sem espaço nos grandes meios de comunicação.

Por fim, não podemos deixar de esquecer o Plano Cruzado. Este, se por acaso, na sua decretação no início de 86 não tinha objetivo eleitoral explícito, acabou se tornando a grande bandeira da vitória eleitoral peemedebista, como o foi, no caso da eleição de Quéricia em São Paulo.

O resultado é um Congresso-Constituinte onde a Aliança Democrática possui sozinha 78% dos 599 constituintes, 55% do PMDB e 23% do PFL. Não há sentido em falar em Constituinte de "centro" nesse quadro, mas de um Congresso-Constituinte que, nas questões essenciais dará sustentação ao governo Sarney e aos seus compromissos com o passado.

A eleição de Ulisses "Presidente" Guimarães pra presidente da Câmara, vice-presidente legal da República e presidente da Constituinte não é mais do que o resultado da preocupação não só da

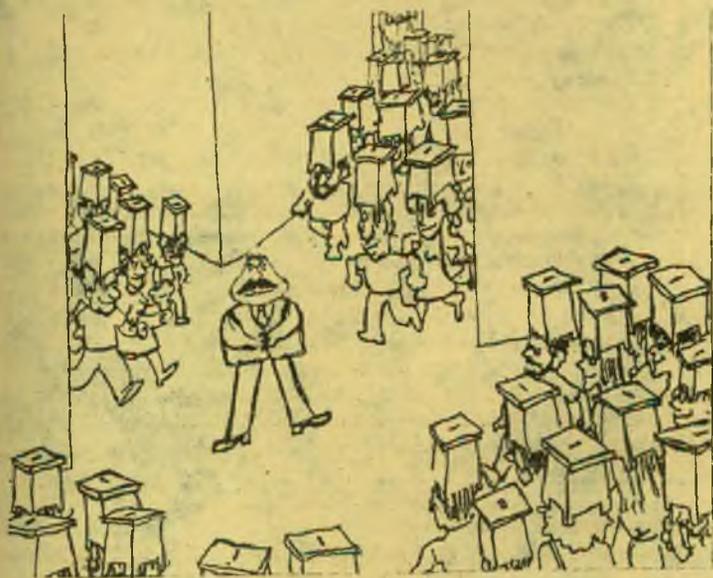
Aliança Democrática, como também do PDS e PTB e todos os que querem evitar ao máximo conflitos "desnecessários" entre o governo Sarney e o Congresso-Constituinte, deixando este nas mãos do segundo timoneiro na nau Nova-República.

Em um mês dos trabalhos Constituintes iniciados, nada a respeito da nova Constituição foi discutido. Mesmo com o desgoverno que o país tem vivido nesse tempo, principalmente em relação à política econômica, aprofundando o desgaste político do governo Sarney, o Congresso-Constituinte ainda discute o seu regime interno. Essa não é uma discussão de todo descabida, em função de que o que realmente está em questão é a soberania da Constituinte. Isto é, a possibilidade da Constituinte de alterar a atual Constituição, incorporada na proposta oficial de regimento interno, graças à iniciativa de alguns dos pequenos partidos e da ala mais "progressista" do PMDB. No entanto, a perspectiva do exercício real dessa soberania, da supressão do "entulho autoritário" da ditadura, do fim do decreto lei, etc parece bastante remota, na medida em que a ala mais "progressista" do PMDB recuou substancialmente de suas posições iniciais e o PFL e o PDS têm se colocado totalmente contrários à possibilidade da soberania.

Tudo isso aos poucos vai deixando claro os limites desse Congresso-Constituinte e a sua subserviência a interesses bem pouco "democráticos" e "populares".

Para a população - e para nós, estudantes - a coisa vai ficando cada vez mais definida: ou se procura formas de pressão através de mobilizações dos mais diversos tipos, em defesa das reivindicações pelas quais por anos a fio se tem lutado e que até agora não foram satisfeitas ou fica-se chupando o dedo em frente à TV, assistindo à grande festa cívica que será a Constituinte brasileira...

## CONSTITUINTE



# aMORADIAe noite

## HISTÓRICO

199 - Acampamento pró-moradia (deu em nada)

190 - Tentativa de invasão de um barracão (repressão chegou na hora)

1980/1985 - Nada nada nada (deu em nada)

1985 - Começa o crescimento vertiginoso dos aluguéis (ou sumir imóveis)

Outubro de 85 - Tentativa de reunir um povo para a invasão (deu em quase nada)

Janeiro 86 - Implode o mercado imobiliário de campinas

Kichinetes a Cr\$ 4.500.000,00 - pedidos de desocupação de imóveis acumulam-se

- A Faculdade de Educação muda do Ciclo Básico para prédio próprio - A reitoria anuncia (vazou informação) a intenção de transformar o local vazio em um mini shopping center

- Reúne-se um grupo de desesperados no DCE

Fevereiro 86 - Kichinetes a Cr\$ 4.500.000,00 - pedidos de desocupação de imóveis acumulam-se

- O grupo de desesperados ganha apoio do DCE, do CAF e do CAP

- Articula-se a ocupação  
Março 86 - Kichinetes a Cr\$ 5.000.000,00. Chegar mais 7000 estudantes em Campinas

- O grupo aumenta para 30 pessoas. Mantém-se o sigilo. Tudo pronto

Março - quarta, dia 5 - 12 hs - O grupo ocupa o prédio vazio

- 12:02 - A reitoria recebe o comunicado (ver exposição TABA I ano)

- 12:15 - A Assembléia Geral de Estudantes aprova o Movimento (TABA), que passa a ser representativo dos estudantes da Unicamp, tendo como interlocutor oficial o DCE

- 12:30 - Então reitor J. A. Pinotti (hoje secretário estadual da Educação) tem impetos de chamar a polícia. Percebe o erro a tempo

5 Março - 17 Abril 86 - Pressões múltiplas, chantagens, boatos, enfim a reitoria ganhava tempo até a troca do reitor

- Sobe a 60 o número de moradores da TABA, a população de apoio cede lugar à população de necessitados

16 Abril 86 - Toma posse o novo Reitor (ex-secretário Estadual da Educação)

- O Movimento Pró-Moradia se manifesta na posse (ver exp. TABA I ano)

- Reiniciam as hostilidades. Bloqueio total ao DCE por parte da reitoria

16 Junho 86 - Dilson Funaro recebe título de DR. Honoris Causa da Unicamp pelo plano cruzado (lembra?). Alunos da Unicamp se manifestam. A reitoria os confunde com o Movimento Pró-Moradia e recua

Dois dias depois... - Reitoria cria a comissão... Participam: Vice-Reitor; Prefeito de Campus (silenciado até hoje); Chefe de Gabinete (idem); Marcus Zwangiger, Diretor do IFGW (idem); um representante de cada CA; um do DCE; um da APG. A comissão fica encarregada de estudar localização, arquitetura, gestão de Moradia, e

futuro da TABA como último ponto

Agosto 86 - O Movimento Pró-Moradia apresenta pesquisa feita entre os estudantes para saber as expectativas quanto à futura Moradia. A reitoria rejeita a pesquisa e sugere outra "mais científica"

Setembro 86 - O bloco da Reitoria na Comissão rejeita a idéia de Moradia dentro de Campus - "Todos os terrenos não utilizados já têm uso definido no plano de expansão". Procura-se um terreno em Barão Geraldo (na cidade não existe)

- Discute-se projetos de outra Moradias

Outubro 86 - A reitoria anuncia que já tem o financiamento do BNH

- O SAE não conseguiu compilar nem em três semanas o resultado de nova pesquisa que mostra resultados idênticos aos da primeira (menos científica)

- O arquiteto da reitoria apresenta seu primeiro esboço (rejeitado)

A Unicamp é grande moçada. E quanto falamos de grande não é só de espaço físico não. É grande em grana, em burocracia, problemas... Grande novidade! Acontece que as grandes coisas são difíceis de se aprender, de se sentir na sua totalidade. E onde há desconhecimento e preconceito, a fantasia e a mitificação entram rapidamente.

Um famoso chefe de

gabinete disse uma vez que a Taba era centro de distribuição de drogas pesadas - e a gente comendo Miojo Lamen todo dia! Alguns famosos professores comentaram a boca pequena que havia porra (vulgo sêmen) pelos corredores da Taba-engraçado! a gente ainda costuma trepar nos

quartos. Um amigo nosso da Física também já arriscou: — "A Taba é a vanguarda da Unicamp". Existe isso ainda? Pois é de traficantes vanguarda, de depravados a folgados, tudo se fala da Taba, pouco se conhece. Maldito costume subdesenvolvido.

Nada disso gente. A Taba é

um bando de gente morando junta. Uns trabalham no movimento pró-moradia, outros não. Uns racham de estudar, outros não. Uns adoram Marx, outros Cristo, alguns os dois. Uns fumam maconha, outros respeitam a vice-versa. Uns fazem barulho depois da meia noite, outros antes da seis. Uns são

alunos da Unicamp, outros também. E esse é o único denominador comum. Se alguma coisa pode ser dita sobre os tabanos como um todo é isso, só isso.

Morar na TABA tem suas vantagens e desvantagens. Mais vantagens, achamos. Mas afinal a briga é prá estender essas vantagens prá todo mundo, prá quem quiser. O resto? Bobagens meu filho... bobagens.

## TABA: QUE BICHO É ESSE?

## MORAR COMO? MORAR PORQUE?

A relação aluno-universidade desmoronou. Não suportamos mais o mecânico cotidiano onde uma determinada obrigação nos tira da cama às 7 da manhã e nos empurra para as salas de aula de nossos feudos.

Lá fora a cidade nos rejeita. Aqui dentro, difícil se identificar no meio de pré-moldados, horários fixos,

prazos e notas.

E daí que surge a idéia de moradia (a crise imobiliária é apenas fator circunstancial). Morar igual a viver, existir, compreender, morou? Juntar as pessoas, no duro, no cotidiano. Formar uma cultura estudantil. Interferir é questão de sobrevivência.

O projeto da Moradia está andando (devagar, mas está). O terreno já foi escolhido e os critérios de planejamento já estão com o arquiteto e esperamos que já em março, possamos apresentá-lo para modificações e aprovações.

Em março também a comissão de moradia volta a

se reunir (alô, alô, C.A.'s!) e o próximo ponto de discussão é a gestão da futura Moradia, ou seja quem administra a moradia. Parece óbio que a Reitoria vai querer deixar a cargo do "super competente" S.A.E. A nós do D.C.E. parece que quem cuida de

uma casa é quem mora nela. É isso, AUTOGESTÃO.

Um toque: As reuniões da Comissão de Moradia acontecem às sextas - na hora do almoço, na sala do C.U.; às 11h. Os alunos se encontram na sede do D.C.E. para traçar as estratégias. Além dos representantes dos C.A.'s todos os alunos interessados estão convidados.

# LIVROS

SACRAMENTO 114 F83742  
SACRAMENTO 202 F86422 29438  
BERNARDINO DE CAMPOS 1087 F325753

# papirus

- . LIVROS NACIONAIS E IMPORTADOS
- . ATENDIMENTO PERSONALIZADO
- . LIVROS DE TODAS AS ÁREAS
- . SERVIÇO DE REMESSA PELO REEMBOLSO POSTAL
- . LIVROS À PRAZO - CRED. PRÓPRIO
- . ABERTO DIARIAMENTE ATÉ ÀS 22:00 HORAS



Rua General Osório, 1285 - Fone: 31-9318 - Campinas - SP  
Rua Barão de Campinas, 424 - Fone: 41-8964 - Limeira - SP